

# Thomas H. Ogden em conversa com Luca Di Donna\* \*\*

*Thomas H. Ogden\*\*\*, São Francisco*

**Luca Di Donna** – Quais as fontes de inspiração em seu trabalho inicial que lhe fizeram abraçar a teoria britânica das relações objetais do processo inconsciente? Foi por causa do desacordo teórico com a tradicional psicologia do Ego americana, ou foi o seu próprio trabalho experiencial com pacientes que o levou a trilhar esse caminho?

**Thomas H. Ogden** – Luca, comecei a me interessar pela psicanálise antes que tivesse um nome para ela. Minha mãe estava em análise quando eu era uma criança. Ela é uma mulher muito inteligente e sensível, portanto não me falava da psicanálise, mas me ouvia e me falava a partir da sua experiência em análise. Eu só adquiri uma linguagem para a sensibilidade que ela trouxe à sua maternidade quando, aos 16 anos, na escola, deram-me uma lista de livros a partir dos quais eu devia escolher três para as leituras de verão. Entre os livros sugeridos, escolhi *Introdução geral à psicanálise* de Freud. Lembro que comecei a leitura em um ônibus em Nova Iorque e fiquei tão absorvido que esqueci minha parada, o que não me incomodou em absoluto, pois significava que podia ler sem ser interrompido por quanto tempo eu desejasse.

Eu era muito mais atraído pela voz no livro do que pelas ideias. O livro é escrito como uma leitura imaginária a um público cético. A maneira através da qual Freud fala ao público sobre suas dúvidas e medos relacionados ao que está

---

\* Publicação original: Ogden, T. H., (2013). Thomas H. Ogden in conversation with Luca Di Donna. *Rivista Psicoanal.*, 59:625-641.

\*\* Psicanalista e supervisor no *Psychoanalytic Institute of Northern California* (PINC), onde atua na comissão editorial de *News and notes*. Editor fundador da *Fort Da*.

\*\*\* Psicanalista didata filiado à *American Psychoanalytic Association* (APA) e à *International Psychoanalytical Association* (IPA). *Diretor do Center of the Advanced Study of the Psychoses*.

dizendo era muito mais interessante para mim naquela época e agora do que as ideias, por exemplo, da psicologia inconsciente dos chistes, ou até mesmo da psicologia inconsciente dos sonhos. Era como se eu já conhecesse o conteúdo das ideias – sentia como se estivesse familiarizado com a concepção do inconsciente desde o momento em que aprendi a falar, talvez antes.

Em retrospectiva, penso que houve duas razões pelas quais a voz no livro foi o que mais me interessou – provavelmente havia muitas outras, mas mencionarei apenas duas. Primeiramente, a voz é uma criação literária, e eu adorei o escrito de Freud enquanto tal. Adorava todos os bons escritos que emocionassem minha mente de 16 anos. A outra razão pela qual me apeguei à voz no livro tão profunda e facilmente, imagino que foi porque me parecia estar ouvindo, no livro, a voz do analista de minha mãe, uma voz sobre a qual eu fora muito curioso e que, é claro, nunca havia escutado diretamente, mas que estava gravada em meus ossos.

Portanto, minha introdução à psicanálise foi pelas relações objetivas – a relação inicial com minha mãe e, através dela, a relação inicial com seu analista e com a psicanálise. Essa experiência inicial com a psicanálise foi do tipo sem palavras, algo que tinha a ver com o meu ser e com o próprio ser de minha mãe.

Não respondi diretamente sua pergunta, mas essa é a maneira mais verdadeira pela qual posso iniciar a contar a história. Depois que *descobri* a psicanálise, ou que ela me descobriu, li de forma casual os livros que acontecia encontrar. O segundo livro psicanalítico que li foi *Amor primário e a técnica psicanalítica* de Balint, pois era o único livro sobre psicanálise na biblioteca local. Eu percebia as maneiras pelas quais voz e estilo da escrita desse livro diferiam consideravelmente dos de Freud. Balint lidava com as formas primitivas do amor, ao passo que Freud preocupava-se com as formas primitivas da sexualidade. Mesmo com minha pouca idade, achava o amor um evento mais humano do que a dissecação da sexualidade na qual Freud estava engajado.

Decidi estudar medicina porque, naquela época, apenas os médicos eram admitidos em institutos psicanalíticos filiados à Associação Psicanalítica Americana, que dominava a psicanálise nos Estados Unidos. Não sabia que havia alguns poucos institutos que admitiam candidatos não médicos. Não sei se teria seguido o caminho da medicina se soubesse que podia me tornar um psicanalista sem fazê-lo. Penso que o treinamento médico tem valor na prática da psicanálise. Para mim, o mais importante no meu treinamento médico foi a experiência de assumir a responsabilidade pela vida do paciente nas formas mais literais. Trata-se de uma responsabilidade enorme, e penso que alguns analistas tentam negá-la na relação com seus pacientes. A maior parte do tempo, na prática psicanalítica, os pacientes são plenamente capazes de assumir a responsabilidade por suas

próprias vidas. Mas este não é sempre o caso. Por exemplo, os pacientes esquizofrênicos e os pacientes com outros tipos de psicoses, assim como os pacientes deprimidos e suicidas, muitas vezes não são capazes de assumir a responsabilidade por suas vidas. Muitos analistas e psicoterapeutas, que se trataram ou consultaram comigo, aterrorizam-se com esse tipo de responsabilidade e tentam evitá-la, não aceitando pacientes psicóticos ou suicidas. Infelizmente, tanto para o paciente quanto para o analista, nem sempre é possível prever quais pacientes se tornarão psicóticos ou suicidas ao longo da terapia ou da análise. De fato, acredito que qualquer experiência analítica digna desse nome envolve estados psicóticos ou de profunda depressão, e estes estados são evitados pelos analistas que têm medo de assumir responsabilidade pelas vidas de seus pacientes.

Voltando à sua pergunta sobre a psicologia do Ego americana e a teoria britânica das relações objetais, penso que esses últimos analistas, por exemplo, Winnicott, Fairbairn, Marion Milner, Bion, Rosenfeld e Segal, apenas para citar alguns, estão muito mais dispostos e preparados para lidar com o paciente psicótico e com o aspecto psicótico de cada paciente do que os psicólogos americanos do Ego. Esse foi um fator importante que me conduziu para a teoria britânica das relações objetais. Desde o início de minha residência médica, fiquei profundamente interessado no tratamento de pacientes com graves distúrbios e investi uma boa parte de minha carreira como analista não apenas tratando esses pacientes, mas também ensinando e supervisionando terapeutas que tratam esse grupo de pacientes.

**Luca Di Donna** – Você escreveu sobre uma grande variedade de assuntos. Fiz uma lista parcial dos seus múltiplos interesses e, se me permitir, vou lê-la em ordem – não exatamente cronológica – o conceito de identificação projetiva, o tratamento psicanalítico da esquizofrenia, o limiar do complexo de Édipo masculino e feminino, o encontro analítico inicial, as posições kleinianas, o espaço potencial de Winnicott, o conceito de relações objetais internas, os sujeitos freudianos, kleinianos e winnicottianos, o terceiro analítico, a *rêverie*, o não reconhecimento, a posição autista-contígua, a supervisão analítica, o ensino da psicanálise, a escrita da psicanálise, bem como uma série de artigos em que discute a prosa e a poesia de Frost, Borges, Stevens, William Carlos Williams e Kafka e mais outra série em que escreve sobre a sua maneira única de ler escritores analíticos tais como Freud, Isaacs, Fairbairn, Winnicott, Bion, Loewald e Searles. Não mencionei ainda muitos artigos sobre outros assuntos. Quando você olha para trás, para os quase quarenta anos de escrita em que se engajou, enxerga um *projeto* ou uma *linha de desenvolvimento* em seu trabalho?

**Thomas Ogden** – Luca, contava que você deixasse as perguntas difíceis para o final da entrevista. Sua pergunta é a mesma que me fiz muitas vezes. Penso que há uma série de ideias que percorrem todo o meu trabalho. A noção de que é preciso ao menos duas pessoas para pensar é a primeira que me vem à mente. Refiro-me a essa ideia em meus artigos iniciais sobre a identificação projetiva. Raramente continuo usando esse termo, pois cada um tem a sua própria definição a respeito dela, portanto tento descrever o fenômeno de que trato ao invés de usar um termo que foi esvaziado do seu significado. O que tenho em mente quando falo do que costumava chamar de identificação projetiva é, na infância, a mãe e o infante que criam uma terceira mente para a qual cada um contribui e a partir da qual cada um acrescenta significado individual. Ambos se entregam ao terceiro, enquanto que, ao mesmo tempo, guardam suas identidades individuais, agora alteradas pela experiência de viver no terceiro.

O pensamento genuíno está sempre em movimento, *em vôo*, como William James colocou em palavras. James, em 1900, concomitantemente à publicação de *A interpretação dos sonhos*, insiste que deveríamos usar verbos, advérbios, preposições e conjunções, não substantivos e adjetivos, para descrever todos os eventos psíquicos, uma vez que cada fenômeno psíquico está em constante mudança. Segundo James – o psicólogo mais subestimado da literatura analítica – deveríamos ter palavras para sentimentos do *mas* e sentimentos do *e* e sentimentos do *de*. Vou colocar em termos levemente diferentes: não temos lembranças, lembramos tristemente, vagamente, obsessivamente e assim por diante, e essas formas de lembrar nos transformam da mesma maneira com que as transformamos, submergimos nelas e emergimos juntos de forma diferente daquilo que fomos, e na continuidade do processo de mudança. A mudança é a única constante nos estados psicológicos.

A concepção de pensamento e sentimento intersubjetivo que descrevi constituiu a base do que passei a chamar de *o terceiro analítico*, um conceito que preciso redescobrir de novo e ainda de novo para que tenha algum significado para mim. Às vezes, quando leio o uso que outras pessoas fazem do termo *terceiro analítico*, penso que o fenômeno de que estão tratando é algo novo para mim. Acolho favoravelmente o fato de não reconhecer o meu próprio pensamento na interpretação do conceito de *terceiro analítico* por outra pessoa, pois significa que a interpretação do conceito alimentou o pensamento dessa pessoa – o que, afinal de contas, é o principal objetivo de qualquer escrita. O leitor de um romance cria as personagens, e é por isso que me é quase sempre decepcionante assistir a um filme baseado em um romance que eu tenha adorado – as personagens do filme, frequentemente, destroem minhas próprias imagens das personagens do

romance, e o que me sobra são as imagens de outros, que pouco têm a ver com a minha experiência de leitura e com a conexão pessoal que eu e o autor criamos com as personagens.

Muitos outros, entre os quais os Baranger, Ferro, Civitarese e Bolognini, usaram a metáfora do campo analítico para se referir a duas pessoas que pensam juntas – vivendo em um mundo de forças somáticas e psicológicas construídas em conjunto que ditam maneiras especiais de dar significado à própria experiência. A ideia de um campo e a ideia de um terceiro sujeito são simplesmente metáforas para descrever aspectos da experiência analítica, a relação mãe-bebê e muitas outras íntimas experiências emocionais. Isso não quer dizer que as duas metáforas descrevem o mesmo fenômeno. Duas metáforas nunca descrevem a mesma coisa – o objetivo de usar uma metáfora é o de criar uma forma única de descrever algo comparando com outro. Um campo de forças não é um terceiro sujeito – as ideias estão relacionadas, mas cada um encara a experiência do pensar junto de formas diferentes. Para mim, dependendo da natureza específica da experiência que o paciente e eu estamos tendo durante uma sessão analítica, uma metáfora ou outra parece descrever melhor o que está acontecendo; muitas vezes, nenhuma parece funcionar. Penso nesses termos conceituais somente após uma sessão, ou (para o melhor e para o pior) durante uma sessão quando estou tentando encontrar minha posição fora da experiência que estou tendo com o paciente.

Acredito que as ideias que desenvolvi ao longo da minha vida como escritor e analista são inseparáveis umas das outras. Por exemplo, instantes atrás, falando com você sobre a ideia de que, para pensar, é preciso duas ou mais pessoas, acabei falando em usar verbos, advérbios, preposições, conjunções e na natureza das metáforas. Meus interesses na linguagem e na psicanálise se desenvolveram como partes inextricáveis de um todo.

**Luca Di Donna** – Para prosseguir esta discussão sobre o papel da linguagem na psicanálise, gostaria de ouvir os seus pensamentos sobre a importância da escrita para você enquanto psicanalista. Está claro que a escrita tem um significado especial para você. Os analistas italianos têm se interessado pelas ideias conceituais da escrita na psicanálise por muito tempo – como no trabalho de Ferro, Racalbutto e Semi. Seu trabalho tem tido um grande impacto na comunidade psicanalítica italiana – não apenas pela clareza de sua prosa, mas também pelo envolvimento afetivo com o leitor. Poderia falar um pouco a respeito de qual a relação que você estabelece entre ler literatura e praticar psicanálise?

**Thomas Ogden** – Luca, a literatura tem sido uma paixão durante toda a minha vida e parece se tornar cada vez mais importante à medida que envelheço. Vejo que a psicanálise e a literatura compartilham um profundo amor e respeito pela linguagem, não simplesmente como veículos da *expressão* de pensamentos e sentimentos, mas, mais importante ainda, como meios de *criação* de pensamentos e sentimentos. Nós, em grande medida, somos feitos de palavras. Transformamos nossa experiência em pensamentos e sentimentos, em grande parte por meio da linguagem. Como Bion e Ferro demonstram, cada um de sua maneira, as imagens visuais no sonho, tanto de vigília quanto noturno, realizam parte da transformação da experiência bruta em significado pessoal. Contudo, penso que a noção de Freud de transformação de representações-coisa em representações-palavra (na transformação da experiência inconsciente em experiência pré-consciente) é igualmente importante para a criação da experiência pessoal. Penso que o papel da linguagem na criação humana (como oposta à expressão humana) é valorizado por escritores de obras literárias e por psicanalistas de formas muito parecidas.

Para desenvolver um pouco mais a ideia de que a linguagem nos torna humanos, penso que, se desejamos encarar como psicanalistas o que é singularmente humano em nossos pacientes, é necessário desenvolver com cada um uma conversa analítica que não é possível ter com nenhuma outra pessoa no mundo. O que estou dizendo é muito claro para todos nós, quer estejamos na área da saúde mental ou não: falamos com nosso cônjuge ou parceiro de uma forma com a qual não falaríamos com mais ninguém no mundo. Não estou me referindo ao *que* falamos, mas à *maneira como falamos*. Similarmente, falamos com nosso amigo mais íntimo, nossa filha mais velha, nossa filha mais nova, nosso irmão, nosso pai, nossa mãe – cada pessoa com a qual temos uma relação íntima – de uma forma que não nos atreveríamos a utilizar com nenhuma outra pessoa no mundo. Aliás, a palavra *sonho*, que usei não intencionalmente, tem muito a ver com a maneira única através da qual falamos com diferentes pessoas nas nossas vidas.

O mesmo é verdade quanto às conversas com nossos pacientes. Esperaria que, se algum dia um de meus pacientes me ouvisse, por acaso, falar com outro de meus pacientes, ele ou ela dissesse: “Não gosto da maneira como você está falando. Não que esteja sendo sedutor, paterno ou coercitivo, simplesmente não me parece certo”. Eu diria: “Isso é o que esperava que você dissesse. Não era dirigido para você, não é algo que nós dois criamos juntos. Não sonhamos isso juntos”. Para mim, criar uma forma única de falar com um paciente não é pré-requisito para o trabalho analítico, é o trabalho analítico em si. Quando um paciente pode *falar sua mente*, ele está se criando – criando um *self* que sente ser ele

mesmo. Após um tempo fazendo isso, ele será capaz de falar consigo mesmo no seu sonho (em meio a imagens visuais) e na *fala* (de forma verbal e não verbal) com outros com os quais tem relações íntimas. Essas conversas continuam a sua análise, isto é, continuam dando vida ao paciente através do meio da linguagem imagística e verbal.

A transferência é um assunto da conversa que, às vezes, é muito útil para entender aquilo que está impedindo o paciente de falar livremente. Penso que o termo *interpretação* não descreve bem como falo aos meus pacientes. Acredito que a frase *falar com o paciente* capture de forma melhor o sentimento das conversas que tenho com cada um deles, mais do que a frase *fazer uma interpretação*. Considero um grande elogio quando um paciente me pergunta “Por que você nunca faz interpretações?”. Isso, para mim, não significa que não esteja pensando de forma psicanalítica; significa que não estou falando de forma psicanalítica. Falar de forma psicanalítica significa falar em uma língua estrangeira, uma língua que não criei. Tento falar na minha própria língua, apesar de isso ser algo muito difícil de fazer.

A ideia da unicidade da voz me faz voltar à influência que a leitura de poesia e ficção exerce sobre o meu pensamento e trabalho como analista. Para aprender o que significa falar em sua própria língua, não há melhor lugar para ir do que aos grandes autores. Ninguém, na história mundial, escreveu o que Borges escreveu. Se alguém o fizesse, seria apenas um imitador de Borges. O mesmo é verdade para Kafka, Calvino, Homero, Coetzee, Wordsworth, Melville, Beckett e Frost – apenas para citar alguns dos meus escritores preferidos. Dirijo-me a esses e a outros grandes escritores não apenas para testemunhar, mas para participar da criação de uma linguagem própria.

**Luca Di Donna** – Seu amor para com a linguagem e com a literatura é estimulante. Ao ler seu último livro, *Leituras criativas*, amei seus comentários sobre os textos selecionados de Freud, Isaacs, Fairbairn, Winnicott, Bion, Loewald e Searles. Estou pensando em *amor* aqui como uma forma de descobrir algo novo – neste caso, descobrir algo novo nesses textos. Sua leitura é persuasiva, o que abre novas formas de entendimento – iluminando o lado obscuro desses importantes pensadores. Parece que os autores que você escolheu eram psicanalistas que não tinham medo de ir além dos cânones estabelecidos. Eles eram não conformistas, um pouco visionários, pensadores independentes que também mantinham um amor pelos seus precursores. Poderia falar mais sobre sua paixão por esses autores e como os emprega na qualidade de seus precursores psicanalíticos?

**Thomas Ogden** – Quando você usa a expressão *precursores psicanalíticos*, o primeiro pensamento que me vem à mente é o ensaio de Borges em que ele afirma que Kafka criou seus próprios precursores. Acredito que eu, e todos os outros leitores, criamos nossos próprios precursores naquilo que nós mesmos encontramos – ou, talvez, criamos – na escrita de nossos antepassados. Encontramos um potencial não realizado no trabalho deles a partir do qual descobrimos não apenas quem eles eram, mas quem nós somos. Ao longo da última década, em uma série de artigos reunidos em *Il leggere creativo* (Ogden, 2012), tenho criado, sem nem mesmo saber, minha própria árvore genealógica psicanalítica. Ao escrever sobre o trabalho desses autores, tenho, de um lado, reescrito seu trabalho de uma maneira que é a minha e, por outro lado, eles têm me reescrito através da sua influência sobre mim. Usei tais trabalhos praticamente da mesma forma com que Winnicott descreve o uso, pelo infante, da mãe como um espelho. Deixe-me explicar o que entendo ao fazer esta comparação. As ideias de Winnicott sobre a função da mãe enquanto espelho são com frequência relatadas incorretamente de forma a não apenas enunciar erroneamente, mas a transformar algo essencial para o desenvolvimento em algo patológico. Muitas vezes leio e ouço analistas descreverem as ideias de Winnicott sobre o papel de espelho da mãe como “o infante vê a si mesmo nos olhos da mãe”. O que Winnicott, de fato, afirma, é que o infante vê algo *como* ele nos olhos da mãe. A última é uma função simbólica na qual o infante se vê *transformado* nos olhos da mãe – vê a interpretação que a mãe faz dele ou, em outras palavras, o infante vê a metáfora que sua mãe criou para expressar a impressão que ele, infante, deixou nela. A transformação de si que o infante vê nos olhos da mãe existe em uma esfera simbólica não verbal. O infante que o infante vê nos olhos de sua mãe não é a sua imagem refletida (seu duplo). Ao contrário, o que ele vê é a *sua* impressão, a marca que *ele deixou* em outra pessoa, uma impressão com a qual a mãe faz algo por conta própria.

Dessa perspectiva, a experiência da criança de ver algo *como* a si mesma nos olhos de sua mãe é uma experiência de conexão com alguém que *não* é ele. Assim, a experiência do espelho é uma experiência de separação em dois sentidos diferentes. Primeiro, é uma experiência de separação da mãe, uma pessoa separada que cria as próprias metáforas com base em sua experiência sobre a criança. Não menos importante, a experiência da criança de ver uma versão metafórica – transformada – de si nos olhos de outro é um evento crítico para o desenvolvimento de sua própria capacidade de consciência, de autoconhecimento. Na experiência da criança, ao ver a metáfora que a mãe criou para *sua experiência a respeito dela*, duas versões se tornam reais em sua mente simultaneamente: a criança-

enquanto-*self*-que-percebe (eu)<sup>1</sup> e a criança-enquanto-objeto da percepção da mãe (me)<sup>2</sup>. O espaço entre a criança observante e a criança observada nos olhos da mãe é o espaço em que a experiência da consciência surge, o espaço em que a criança é, ao mesmo tempo, o *self* observante e o *self* observado.

Através da leitura do trabalho de grandes pensadores analíticos, encontro algo da experiência do papel de espelho que acabei de mencionar. Considero as ideias deles como metáforas para o meu próprio pensamento (pensamento que produz no processo de leitura dos seus trabalhos). Não tenho como enfatizar suficientemente o quanto é nestas ideias, as quais *não* são minhas criações, que encontro reflexões (transformações) de mim mesmo que não conhecia antes. É essa transformação de mim mesmo que uso para reescrever o trabalho deles de uma forma que é original, ou seja, aquilo que escrevo é meu próprio pensamento, que é ao mesmo tempo separável do deles (produzo ideias próprias originais) e inseparável do deles (minhas ideias são transformações daquelas dos autores). Para dizê-lo em outros termos, eles me viram de uma forma com a qual eu ainda não me havia visto; e eu os li de uma forma pela qual eles ainda não haviam sido lidos. É neste sentido que crio meus próprios precursores, os quais também me criam à medida que leio seus trabalhos.

Conceber a ascendência dessa forma significa rejeitar a noção estritamente cronológica de tempo. O movimento da influência (e do tempo) não vai apenas do passado ao presente e ao futuro. O movimento da influência e do tempo vai, também, do futuro ao presente e ao passado. Nós, os atuais leitores de Freud, Isaacs e Winnicott, alteramos o passado (transformamos seu trabalho da forma como eles o entendiam) em nosso ato presente de transformar (re-inventar) o que eles escreveram. Mais importante, ao tornar nosso o trabalho deles, nos tornamos pensadores por nosso próprio direito; nossas ideias serão no futuro usadas por outros no processo de suas próprias criações de formas que agora nos são inimagináveis.

**Luca Di Donna** – Considerando sua prática psicanalítica ao longo das décadas, em que lhe parece consistir sua essência?

**Thomas Ogden** – Duas coisas imediatamente me surgem à mente em resposta à sua pergunta. A primeira é a importância de sermos humanos. Sem essa característica que define o analista, não pode haver nada psicanalítico a respeito da experiência que ocorre entre analista e paciente. Muitas pessoas, tanto

---

<sup>1</sup> N.R.: No original em inglês (*I*).

<sup>2</sup> N.R.: No original em inglês (*me*).

candidatos<sup>3</sup> quanto pessoas externas à profissão de saúde mental, vieram consultar comigo em função de dificuldades experimentadas em suas análises. Quase sempre o analista não tinha sido capaz de lidar com a contratransferência e se tornara inumano na sua forma de estar com o paciente. Às vezes, isso assume a forma de o analista tratar o paciente como se ele fosse inimigo de seu próprio bem-estar, integridade, reputação e assim por diante. E, em quase todos os casos, me pareceu que, inconscientemente, o analista havia percebido o que se passava entre ele e o paciente como uma ameaça à sua sanidade. Em resposta a tal ameaça, o analista contra-ataca comportando-se de uma forma que, acredita, ameaçará a sanidade do paciente. Como consequência do conhecimento profundo que possui sobre o paciente, encontra-se em posição de identificar bem o que mais o aterroriza. Apesar de não poder entrar em detalhes, por questões de confidencialidade, o contra-ataque do analista assumiu, em alguns casos, a forma de exploração dos sentimentos transferenciais de total dependência do paciente. Nesses casos, o analista ameaçou, explícita ou implicitamente, cortar sua relação com o paciente, gerando naquele o sentimento de que nenhum outro analista ou terapeuta desejaria ter algo a ver com alguém tão repugnante e perigoso. Não apenas o analista abandonará o paciente, mas também lhe passará a ideia de que todo mundo há de abandoná-lo, e assim o paciente há de se ver sozinho no mundo, incapaz de cuidar de si mesmo e, em última instância, acabará por morrer ou enlouquecer, o que significa o mesmo. Isso é o que entendo por tratamento inumano de um paciente. Isso não é mais psicanálise.

A outra coisa que me veio à mente quanto à sua pergunta relativa ao que considero ser mais central em psicanálise é algo tão antigo quanto um clichê, porém acredito que seja uma ideia frequentemente negligenciada ou rejeitada. Refiro-me à ideia de que a psicanálise não é apenas uma *terapia pela fala*, mas também uma *terapia pela conversa*. Não é suficiente que o analista ouça o paciente com *atenção uniformemente flutuante*, como Freud afirmou, e que faça oportunas interpretações da transferência. Mesmo que isso seja feito com a maior habilidade e precisão, creio, com base na supervisão de analistas que trabalham dessa forma, que o paciente se torna mais capaz de se observar e fazer conexões entre as experiências passada e presente. Porém, o autoconhecimento não é suficiente para que se efetive um crescimento psicológico fundamental. A experiência analítica, para mim, é a experiência de falar *com* outra pessoa, não uma experiência de falar *para* outra pessoa. A última me parece frequentemente constituir algo comparável ao brincar de crianças lado a lado. A primeira, uma *conversa* em que

---

<sup>3</sup> N.R.: Candidatos são os membros das Sociedades Psicanálticas que estão em formação.

duas pessoas estão falando uma com a outra, envolve um diferente tipo de estruturação da linguagem e da experiência. A *conversa falada* assemelha-se a uma conversa inconsciente em que duas pessoas pensam juntas. Pensar juntos é a outra característica essencial da psicanálise que tenho em mente. Como mencionei antes, é preciso duas pessoas para pensar, ou seja, é necessária a criação de uma forma de pensamento inconsciente que compreende o pensamento e o sentimento conjunto de duas pessoas, o que lhes permite pensar de uma maneira que nenhuma das duas sozinhas poderia pensar/sentir. É essa experiência de pensar com outra pessoa com a qual alguém está conversando consciente e inconscientemente que, acredito, tem o potencial de criar as condições nas quais a mudança psicológica pode ocorrer tanto no paciente quanto no analista.

Ainda há muito mais na essência da psicanálise, mas esses são os dois aspectos da experiência analítica que considero fundamentais.

**Luca Di Donna** – Tom, você introduziu o conceito de *terceiro analítico*. Em que ele difere da noção de *campo analítico*?

**Thomas Ogden** – Eu me observo usando ambos os termos. Qual dos dois eleger depende de qual aspecto da experiência analítica estou tentando pensar ou falar. Ambos os conceitos são metáforas, e cada uma enfatiza um aspecto diferente do funcionamento mental. A mente não é algo material – não se pode vê-la, medi-la ou mesmo localizá-la. Não ocupa um espaço entre as nossas orelhas. Apesar de saber disso, não consigo parar de pensar que a mente está *dentro de* nossas cabeças. Contudo, uma vez que esse é um equívoco e que a mente não é uma coisa material, usamos metáforas extraídas do mundo físico para pensar sobre o funcionamento mental. O conceito de campo analítico é emprestado da física, no sentido da comparação entre a interação de forças psíquicas invisíveis e a interação de forças em campos como o eletromagnético e o de força gravitacional. A metáfora de um campo analítico põe ênfase na maneira através da qual os campos de força são gerados pela interação de diferentes *polos* e na maneira pela qual forças de enorme vigor podem ser geradas por eventos invisíveis.

O conceito de terceiro analítico é uma metáfora análoga à *teoria da emergência*, um conjunto de ideias atualmente desenvolvido por teóricos das ciências naturais. A teoria da emergência afirma que a matéria e a energia de uma categoria têm o potencial de se combinar de forma a gerar um produto de natureza completamente diferente dos elementos combinados e, em consequência, totalmente imprevisível. O exemplo mais dramático de *emergência* desse tipo é a criação da vida a partir da combinação de substâncias químicas inanimadas e de

forças elétricas. A metáfora do *terceiro analítico* põe menos ênfase no campo de forças criado pela experiência consciente e inconsciente de duas pessoas e mais na criação de uma terceira mente, uma terceira subjetividade, que é irreduzível à soma das duas subjetividades que participam de sua formação. O terceiro analítico é uma metáfora para a criação de uma mente que tem existência própria e que é capaz de pensar de uma maneira tal que nenhum dos contribuintes à criação do terceiro sujeito seria capaz de fazer por sua conta. Como você pode observar da descrição da metáfora do terceiro analítico, há o perigo de se usar a metáfora de maneira muito concreta. Por exemplo, quando se pensa concretamente, alguém poderia perguntar: “Existe uma terceira pessoa sem corpo?” e “Uma terceira mente sem um corpo pode ter experiências corporais?”. Torna-se claro que considerar a metáfora como um fato físico leva a esses e a outros absurdos. Cada metáfora alcança seu ponto de ruptura quando estendida demais ou usada muito concretamente. O importante é que, quando recorrermos a metáforas, lembremos que são apenas metáforas e que precisamos usar outras ou inventar novas quando as velhas atingem o seu ponto de ruptura ou se tornem obsoletas.

Naturalmente, a metáfora do campo analítico também tem os seus limites. Se for considerada de forma literal e não metafóricamente, surgem questões absurdas como: “O que é um campo de forças mental? O inconsciente de cada uma das duas pessoas *entra em contato* com o do outro? O que significa *contato* em um campo mental?”.

**Luca Di Donna** – Sob quais circunstâncias você se percebe usando uma ou outra metáfora – o campo analítico ou o terceiro analítico?

**Thomas Ogden** – Esta é uma pergunta difícil. Deixe-me pensar um pouco nisso, pois oscilo entre as duas de uma forma que sinto natural, sem estabelecer uma fronteira rígida entre ambas. Os dois conceitos geralmente se sobrepõem. É apenas uma impressão, mas acredito que tendo a usar o conceito de campo analítico quando penso em uma situação analítica que envolve o enquadre e os tipos de pressões que estão sendo inconscientemente exercidos sobre o analista em relação ao enquadre.

Por outro lado, acredito usar o conceito de terceiro analítico quando penso na *rêverie* e de que modo essa é a expressão de pensamentos e sentimentos que não são criação exclusiva nem do analista e nem do analisando. Penso nos sonhos do paciente de forma parecida – eles não devem ser considerados exclusivamente criação do paciente. Contudo, não gostaria que se vissem essas primeiras impressões como uma indicação do contexto *correto* no qual essas duas metáforas

serão aplicadas. Cada pessoa usará as metáforas do terceiro analítico e do campo analítico da maneira que melhor funcionar para seus esforços de pensar sobre aquilo que está ocorrendo em um momento específico da experiência analítica. E, em breve, ambas as metáforas se tornarão obsoletas e outras deverão ser inventadas.

**Luca Di Donna** – Você e seu filho, Benjamin, escreveram em conjunto um livro sobre psicanálise e crítica literária: *O ouvido do analista e o olho do crítico – repensando psicanálise e literatura* (Ogden & Ogden, 2014)<sup>4</sup>. Entendi que será publicado simultaneamente em inglês e em italiano na primavera. Você poderia me contar um pouco mais sobre a experiência de escrever esse livro com seu filho?

**Thomas Ogden** – Escrever esse livro com Ben foi uma das experiências mais gratificantes e prazerosas da minha vida. É extraordinário trabalhar em um projeto desse tipo com o próprio filho, que não é mais uma criança, mas um estudioso literário reconhecido. As pessoas me perguntam se houve muita concorrência e hostilidade ao escrevermos um livro juntos. A cada vez me surpreendo pela pergunta, pois não houve hostilidade de nenhuma das partes. Sermos coautores do livro foi um ótimo meio para nos conhecermos como adultos.

Parte daquilo que tornou a experiência tão agradável foi o fato de eu ter aprendido muito com Ben. Fiquei bastante surpreso por sua habilidade em formular observações muito perspicazes sobre pressuposições que eu fazia seguidamente, sem me dar conta delas dentro dos meus escritos de crítica literária. Por exemplo, ele afirmou que eu tendo a privilegiar a voz sobre outros aspectos do uso da linguagem pelo autor, sem justificar por que acredito que, em uma passagem específica, a voz seja mais importante do que a sintaxe daquele trecho, por exemplo, ou do que o gênero literário a que pertence.

Ele também apontou que eu assumo que, se um poema ou romance evoca um sentimento específico, o autor deve ter, em algum momento, mesmo que somente na escrita do trecho em questão – vivenciado aquele conjunto de sentimentos. Quando fez tal comentário, eu observei: “– As personagens são ficções, então elas não sentem nada. Quem, a não ser o autor, pode estar vivenciando os sentimentos evocados pela história?”. E ele perguntou: “– Por que não seria possível que um autor fosse suficientemente dotado em seu uso da

---

<sup>4</sup> N.R.: O livro se chama originalmente *The analyst's ear and the critic's eyes – rethinking psychoanalysis and literary criticism*.

linguagem para criar, de propósito, qualquer sentimento em um texto?”. Eu lhe respondi não acreditar que um autor pudesse escrever persuasivamente de uma forma que evocasse uma série de sentimentos que nunca tivesse experimentado. Ben contestou que aquilo era uma convicção minha, que não tentaria me convencer do contrário, mas era uma pressuposição da qual eu devia estar consciente e que tem as mesmas dúvidas que eu quanto a isso, mas que é interessante guardar a pergunta no fundo da própria mente enquanto se lê ou se escreve crítica literária.

**Luca Di Donna** – Como você estrutura o livro em termos das duas perspectivas? Trata-se de uma conversa?

**Thomas Ogden** – Não, decidimos não estruturar o livro como se fosse a conversa entre um psicanalista e um crítico literário. Usamos a pessoa *nós* para falar ao leitor. O *nós* muda ao longo do livro à medida que ambos aprendemos um com o outro e nos tornamos capazes de um entendimento mais complexo da relação entre psicanálise e crítica literária.

**Luca Di Donna** – Aguardo ansiosamente para ler o livro. Nos seus últimos, *Esta arte da psicanálise* (2010) e *Rediscovering psychoanalysis* (2008), observei uma mudança em sua posição teórica. Parece que você se afasta de uma linguagem explanatória para uma mais afetiva, com o objetivo de alcançar o paciente.

**Thomas Ogden** – Esta é uma observação muito perspicaz. Não teria pensado em colocar as coisas desta forma, mas acredito que é verdade. Como já disse, penso cada vez mais no diálogo analítico como uma conversa que não ocorre sob nenhuma outra circunstância. Não considero a estrutura do diálogo entre paciente e analista como algo que o analista ouve e, então, após reunir seus pensamentos e alcançar um entendimento dos significados inconscientes das comunicações do paciente, oferece uma interpretação. Ao contrário, vejo o par analítico como sonhando juntos. Cada um tem a oportunidade de dizer o que acredita ser verdadeiro e aproveitável pelo outro, dentro dos termos de sua relação doutor-paciente. Essa última parte é essencial: o analista, apesar de estar no mesmo nível do paciente, tem decididamente papel e responsabilidade diferentes em relação ao mesmo. Voltarei a isso daqui a pouco. Por enquanto, deixe-me continuar com a resposta à sua pergunta. Acredito que meu papel não seja oferecer ao paciente uma visita guiada de sua mente inconsciente. Não há nada de *mutativo* ou de impulso ao crescimento na aquisição de maior conhecimento *sobre* si mesmo. O que acredito ser mutativo é a experiência *de* si mesmo no contexto de *estar com*

outra pessoa que a reconhece como a pessoa que é e também como aquela que está em processo de mudança. A experiência analítica *de estar com* outra pessoa é única no sentido de que a relação analítica, com seu estranho *setting* do paciente no divã e do analista longe de sua vista, atrás dele, promove uma relação na qual sonhar juntos é o mais importante meio de comunicação inconsciente, bem como fonte principal de pensamentos e sentimentos *sobre os quais* o paciente e o analista falam um com o outro e *a partir dos quais* o analista fala com o paciente.

Quanto à forma como geralmente trabalho com os pacientes, espero não estar produzindo a impressão de que há uma uniformidade nessa forma. Já disse isso, mas é importante enfatizar novamente: a experiência que tenho em análise com cada paciente é única para aquele paciente. É essencial para o paciente e para mim que sonhemos a experiência analítica, que é única para os dois. É também essencial que eu redescubra a psicanálise com cada um dos pacientes. Com um paciente, penso que discutir nossa relação, ou seja, a transferência, é fundamental para o crescimento psicológico (do ponto de vista do paciente e do meu). Com outro, escolho não falar de nossa relação por muitos anos, apesar de pensar muito nisso em cada sessão. Eu não diria que a transferência seria mais importante na análise do primeiro paciente do que na do segundo, mas que a discussão explícita da transferência seria mais importante para a primeira análise do que para a segunda.

Deixe-me voltar ao pensamento que deixei de lado alguns minutos atrás, relacionado à responsabilidade do analista, enquanto médico, para com o paciente. Discordo quando ouço analistas falarem ou escreverem sobre sua responsabilidade para com a psicanálise e sobre a necessidade de assumi-la como o que de melhor podem oferecer aos pacientes. Também recuso a ideia de que o analista não deveria se preocupar com o resultado da análise, uma vez que a mudança caberia ao paciente e estaria fora do alcance do analista. Penso bem o contrário. Sinto fortemente que minha responsabilidade não é com a psicanálise, mas com o paciente. Minha responsabilidade é oferecer ao paciente o melhor tratamento possível para seus problemas psicológicos e físicos. Colocando de maneira ainda mais enfática, minha única responsabilidade é com o paciente e com outros em sua vida, se estiverem sendo tratados de forma inumana por ele. Eu sou o médico do paciente no amplo sentido da palavra, não no sentido estrito que discutimos anteriormente. Se o paciente for capaz de usar a psicanálise, eu tento lhe inventar uma forma que ele possa utilizar. Se o paciente estiver sofrendo de uma doença, como dependência de álcool ou de outras drogas, eu o encaminho a um programa de tratamento que oferece ajuda a tais pacientes – a psicanálise tem, notoriamente, poucos resultados no tratamento de pacientes adictos a drogas.

Veio-me à mente agora um analista que supervisiono em seu trabalho clínico. Recentemente, um paciente teve um colapso em seu consultório. O paciente vivera episódios parecidos no passado recente, mas não havia feito nada a respeito. O analista – que no início de sua carreira se ocupara de medicina interna – decidiu levá-lo até a casa da irmã do paciente, que ficava próxima. Esta, então, o levou ao hospital, onde se deu início a uma série de exames médicos aprofundados. Penso ter sido aquela a atitude mais terapêutica que o analista podia tomar pelo paciente. Mas esta não é uma prescrição para nenhum outro par analítico, pois aquela situação não poderia ocorrer entre qualquer outro par paciente e analista. O que utilizo desse exemplo é a liberdade do analista de tentar ser o médico que o paciente precisava naquelas circunstâncias. Acredito que ser o melhor médico para um paciente significa também ser o melhor analista para aquele paciente. O analista não é a pessoa que pratica a psicanálise. O analista é a pessoa que traz uma sensibilidade analítica, treinamento e experiência para o trabalho com os seus pacientes.

**Luca Di Donna** – Gostaria de saber o que você pensa em relação ao assunto do trauma em geral e, em particular, do trauma transgeracional. O último é universal, mas tem profundas raízes na África do Sul, nos Balcãs, na América do Sul, na Irlanda do Norte e nos sobreviventes do holocausto.

**Thomas Ogden** – Luca, considero o trauma uma experiência impensável. O trauma é um evento extremamente perturbador, insuportável para ser pensado e vivenciado por um indivíduo. Nenhum sonho genuíno, ou seja, trabalho psicológico inconsciente pode ser realizado com tal experiência. O resultado dessas experiências que não podem ser sonhadas é que esses *sonhos não sonhados* incluem doença física, pesadelos contínuos e imutáveis, terrores noturnos e retirada autista.

Os traumas requerem pelo menos duas pessoas para pensar e sentir o evento. Penso que alguns traumas podem ser processados somente em um *setting* de grupo. De forma individual, é inevitável alcançar os limites do que o próprio sistema de personalidade é capaz de pensar/sonhar, e é nesse ponto, nesse limite, que se desenvolvem sintomas que marcam o lugar em que os próprios pensamentos impensáveis/não sonháveis não conseguem ir adiante. Se alguém é suficientemente afortunado de não ter estado sozinho em experiências traumáticas (sempre vivas no presente), esta pessoa pode obter ajuda de uma ou mais pessoas no sentido de pensar/sonhar sua anterior experiência impensável. Uma pessoa afortunada ao

ponto de não se ver só com seu trauma consegue engajar outro indivíduo ou indivíduos para ajudá-la a pensar/sentir o que não tem como experimentar por conta própria. A outra pessoa ou pessoas pode(m) ser um cônjuge, um amigo, um parente, ou um analista. Na conversa com outra ou outras pessoas, os dois (ou mais) alcançam tornar suportável algo maior do que uma única personalidade é capaz. O que se torna suportável no pensamento impensável é também maior do que a soma dos sistemas de personalidade individuais. As duas ou mais pessoas criam um terceiro sujeito inconsciente que é capaz de pensar o que nenhuma delas por si só é capaz de pensar e assimilar de forma transformadora.

Muitas vezes, duas pessoas, ou dez pessoas, não são suficientes para pensar o pensamento impensável, porque todos os envolvidos na tentativa de pensar sofreram traumas parecidos. Aquele grupo pode constituir uma geração inteira de pessoas como, por exemplo, uma geração (ou duas ou três) de sul-africanos (tanto negros quanto brancos) que vivenciaram a experiência do *apartheid*, ou gerações de irlandeses do norte (tanto católicos quanto protestantes) durante *as perturbações*<sup>5</sup>. O grande eufemismo presente no termo *the troubles* é, acredito, um reflexo do grau em que homicídios, massacres e terror não podem ser pensados, muito menos falados. Às vezes, pessoas que vêm de gerações traumatizadas tais como, por exemplo, Nelson Mandela e Desmond Tutu, podem ser capazes de ajudar uma nação inteira de pessoas a pensar o que era previamente impensável. O mesmo pode ser dito de Gandhi. Penso que Martin Luther King desempenhou esse papel quanto ao trauma geracional da escravidão nos Estados Unidos. Não tenho a ilusão de que dois ou três indivíduos possam transformar o impensável de uma nação em algo pensável, sonhável e contável, mas acredito que podem fazer a diferença neste sentido.

**Luca Di Donna** – Muito obrigado por seu tempo e consideração.

**Thomas Ogden** – Foi um grande prazer poder falar com você sobre esses assuntos tão importantes para nós dois. □

---

<sup>5</sup> N.R.: Os conflitos na Irlanda do Norte durante os últimos anos do século XX (1968-1998) são conhecidos como *the troubles* (as perturbações).

## Referências

Ogden, T. H. & Ogden, B. H. (2014). *O ouvido do analista e o olho do crítico – repensando psicanálise e literatura*. Tradução: Tania Mara Zalberg. Coleção Kultur. São Paulo: Escuta, p. 164.

Ogden, T. H. (2008). *Rediscovering psychoanalysis. Thinking and dreaming, learning and forgetting*. London: Routledge.

Ogden, T. H. (2010). *Esta arte da psicanálise. Sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Coleção Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: Artmed, p. 168.

Ogden, T. H. (2012). *Il leggere creativo. Saggi su fondamentali lavori analitici*. Traduzione di: Carlo Casnati. Milano: Prima.

Recebido em 08/09/2015

Aprovado em 14/10/2015

Tradução de **Patrizia Cavallo**

Revisão Técnica de **Lúcia Thaler**

**Thomas H. Ogden**

306 Laurel Street, San Francisco

CA 94118, U.S.A

e-mail: thomas.ogdenmd@gmail.com

© *Thomas H. Ogden*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA